

# FOCALIZAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO

Carlos Mioto\*

## Introdução

**F**oco é um conceito discursivo que se aplica ao constituinte que veicula a informação nova na sentença. Às vezes, este constituinte pode ser a sentença inteira, às vezes pode estar explicitamente articulado com a pressuposição, que responde pela informação partilhada pelos falantes. A nossa questão é saber que tipo de reflexo o foco tem na estruturação da sentença no português brasileiro (PB).

Normalmente, se distinguem dois tipos de foco: o que simplesmente fornece uma informação solicitada, ou seja, foco de informação; e o que não se limita simplesmente a fornecer informação nova e tem outros traços discursivos associados. Este último tipo é subclassificado de acordo com a informação adicional: se envolve contraste ou correção de uma informação anterior, temos o foco contrastivo; se a propriedade adicional envolvida é de informação exaustiva, temos o foco de identificação. Neste trabalho, vamos assumir que um constituinte é interpretado como foco somente se é movido para o Spec de FocP.

Quando se considera a sintaxe do foco, vemos que ele pode aparecer *in situ* ou deslocado. Parece que ao foco deslocado nunca pode ser associada uma interpretação

\* Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq.

de mero foco de informação. Por sua vez, ao foco *in situ* pode estar associado qualquer tipo de interpretação. Quando o constituinte focalizado é o sujeito, notamos que com os verbos monoargumentais, pelo menos, ele pode aparecer em posição pós-verbal.

Nos tratamentos clássicos destes fenômenos se postula que a focalização envolve um tipo de quantificação em que o foco vincula uma variável. Esta relação é explícita quando o foco é deslocado, mas é construída abstratamente quando *in situ*, ficando o movimento como uma operação opcional na sintaxe visível. O objetivo deste trabalho é explorar a idéia de que o movimento é obrigatório onde quer que a focalização aconteça, mas que só o movimento para a periferia esquerda da sentença, como tradicionalmente se admite, pode ser diretamente associado a uma verdadeira quantificação.

## Foco e Pressuposição

Uma sentença pode ter a carga informacional que veicula organizada em duas partes. Uma delas responde pela informação que é o pano de fundo da sentença e que se supõe partilhada pelos falantes: a pressuposição. A outra responde pela informação nova e constitui o foco.

Para estabelecer o que é o foco ou a pressuposição de uma sentença, aplica-se o teste da negação (ver Chierchia; McConnell-Ginet, 1996, para outras formas de identificar a pressuposição), como faremos com (1):

- (1)
- a. Foi [<sub>F</sub> Pandora] que gerou a polêmica.
  - b. Quem gerou a polêmica foi [<sub>F</sub> Pandora].
  - c. [<sub>F</sub> Quem] gerou a polêmica?

As sentenças de (1) se estruturam de modo a destinar a posição dos constituintes entre colchetes para o foco: (1a) é uma sentença clivada, (1b) uma pseudo-clivada e (1c) uma interrogativa Wh. (1) contém sentenças que marcam explicitamente o foco na estrutura sintática. Se negarmos as sentenças de (1), produzindo (2), vamos observar que a verdade de uma parte da sentença não é afetada:

- (2) a. Não foi [<sub>F</sub> Pandora] que gerou a polêmica.  
b. Quem gerou a polêmica não foi [<sub>F</sub> Pandora].  
c. [<sub>F</sub> Quem] não gerou a polêmica?
- (3) Alguém gerou a polêmica.

Isto é, a implicação (3), que é verdadeira em (1), continua sendo verdadeira em (2) e constitui a pressuposição.

Observemos que o pressuposto em (3) contém *alguém*, um quantificador existencial que opera sobre pessoas:  $\exists x$  tal que  $x$  gerou a polêmica. Este quantificador dá a indicação de qual vai ser o foco da sentença: vai ser *Pandora* em (1a) e (1b), expressão que atribui o valor ao  $x$ , a variável vinculada pelo quantificador existencial.

Já em (1c), a expressão *Wh quem* substitui o quantificador existencial da pressuposição (3) e podemos dizer que ela vale pelo foco. Mas, faz isso sem, evidentemente, atribuir nenhum valor à variável porque uma expressão *Wh* interrogativa é um tipo de operador que implica um pedido para o ouvinte atribuir um valor para a variável: para qual pessoa  $x$  é verdade que  $x$  gerou a polêmica?

Podemos mostrar que a expressão *Wh* vale pelo foco de uma sentença a partir da observação de que só pode existir um foco por sentença (ver Rizzi, 1997).<sup>1</sup> Se um foco e uma expressão *Wh* não podem coocorrer na mesma sentença, podemos concluir que os dois constituintes são da mesma natureza. Comparemos as sentenças de (4):

1 É preciso pôr em confronto a condição de unicidade do foco com sentenças complexas para averiguar se nestes casos podem ser constituídos dois domínios, o da sentença matriz e o da encaixada, sendo que pode haver um foco por domínio. Se consideramos que uma expressão *Wh* interrogativa vale por um foco, parece haver uma situação em que isto se verifica: nas sentenças que contêm uma interrogativa *Wh* encaixada, como (i):

- (i) a. Foi [<sub>F</sub> o João] que perguntou [<sub>F</sub> quem] gerou a polêmica.  
b. É [<sub>F</sub> a Maria] que o João não sabe [<sub>F</sub> quando] chegou.

Em (i) temos o foco clivado, que tem escopo sobre toda a sentença, e uma expressão *Wh*, que tem escopo apenas sobre a encaixada. Em (ib), o constituinte focalizado é o sujeito da sentença encaixada. Veja que, ainda assim, temos apenas um foco para a sentença, já que a expressão *Wh* faz parte da pressuposição. Para verificar isso, aplicamos o teste da negação a (i) e vamos ter como resultado que a pressuposição é (ii):

- (ii) a. Alguém perguntou quem gerou a polêmica.  
b. O João não sabe quando alguém chegou.

- (4) a. \*[<sub>F</sub> O que] foi [<sub>F</sub> Pandora] que gerou?  
b. [<sub>F</sub> O que] foi que Pandora gerou?

A agramaticalidade de (4a) decorre do fato de *o que* e *Pandora*, que é o constituinte clivado, disputarem a condição de foco da sentença. Já (4b) é gramatical, pois não existe um constituinte clivado disputando com a expressão interrogativa.<sup>2</sup>

## Foco e Interpretação

O componente interpretativo básico do constituinte focalizado é que ele veicula a informação nova da sentença. Quando ele se limita a fazer isso, temos o que é chamado de foco de informação. O contexto típico de um foco de informação é o que contém uma pergunta Wh.<sup>3</sup> O constituinte marcado por F, que responde a pergunta substituindo a expressão Wh, vai ser o foco, como vemos em (5) e (6):

- (5) a. – O que o João comprou?  
b. – O João comprou [<sub>F</sub> um carro].  
(6) a. – O que aconteceu?  
b. – [<sub>F</sub> O João comprou um carro].

2 Parece que uma forma de melhorar sentenças do tipo de (4) é dar maior especificidade à expressão interrogativa, como fazemos em (i):

- (i) a. (?)Qual dos livros foi o João que comprou?  
b. Qual dos livros foi que o João comprou?

Nem o fato de (ia) ser sensivelmente melhor do que (4a) autorizaria dizer que existem dois focos na sentença, pois o constituinte clivado perde sua condição de foco integrando a pressuposição: *foi o João que comprou um livro*. A relativa degradação de (ia) pode ser atribuída à extração da expressão Wh de uma ilha (focal).

3 Outro contexto é aquele que introduz um novo indivíduo no universo do discurso, chamado de foco apresentativo, normalmente através de um DP indefinido:

- (i) Era uma vez [<sub>F</sub> um rei].

Em (5b) o foco é *um carro* e em (6b) é o evento *O João comprou um carro*.

Zubizarreta (1998) elabora a interpretação do foco postulando uma estrutura de asserção (AS) que se constrói depois da LF. A AS se constitui de duas asserções  $A_1$  e  $A_2$  e para (5b) e (6b), onde o foco é do tipo não-contrastivo, ela é como (5') e (6'):

- (5')  $A_1$ :  $\exists$  um  $x$ , tal que o João comprou  $x$ .  
 $A_2$ : O  $x$  tal que o João comprou  $x$  é [<sub>F</sub> um carro].
- (6')  $A_1$ :  $\exists$  um  $x$ , tal que  $x$  aconteceu.  
 $A_2$ : O  $x$  tal que  $x$  aconteceu é [<sub>F</sub> que o João comprou um carro].

$A_1$  corresponde à pressuposição e contém uma quantificação existencial;  $A_2$ , que reproduz a estrutura de uma sentença pseudo-clivada, é uma sentença equativa cujo predicado (predicativo) é o foco.<sup>4</sup> A AS compreende, então, o foco e a pressuposição.

O outro tipo de foco, chamado contrastivo, supõe um contexto em que se inclui a negação de um valor previamente atribuído à variável  $x$ , como exemplificamos com (7):

- (7) João comprou [<sub>F</sub>um carro], não um avião.

4 Veja que esta descrição capta com simplicidade a diferença que existe entre as respostas em (ib) e (iib):

- (i) a. - Quem é o rei?  
 b. - O rei sou eu.  
 c.  $A_1$ :  $\$$  um  $x$  tal que  $x$  é o rei.  
 $A_2$ : O  $x$  tal que  $x$  é o rei sou [<sub>F</sub> eu].
- (ii) a. Quem você é?  
 b. Eu sou o rei.  
 c.  $A_1$ :  $\$$  um  $x$  tal que  $x$  é você.  
 $A_2$ : O  $x$  tal que  $x$  é você é [<sub>F</sub> o rei].

(ic) e (iic) explicitam que a diferença entre (ib) e (iib) reside no elemento que é focalizado e que a posição canônica para a focalização é a posição pós-cópula. O foco é o predicado da sentença equativa.

- (7') A<sub>1</sub>: Existe um *x*, tal que o João comprou *x*.  
 A<sub>2</sub>: É falso que o *x* (tal que o João comprou *x*) é um avião & o *x* (tal que o João comprou *x*) é [<sub>F</sub>um carro].

Neste caso, a asserção principal A<sub>2</sub> contém a negação de um valor atribuído à variável, na primeira parte da conjunção, e a atribuição de um novo valor na segunda parte.

O que Zubizarreta (1998) faz, então, é distinguir dois tipos de foco com base no traço [contrastivo]. O valor positivo deste traço se lê como [*x mas não y*]. Kiss (1998) considera, entretanto, que existe um outro traço semântico relevante para distinguir os tipos de foco, que é [exaustivo], cuja leitura, quando se trata do valor positivo, deve ser [*x e apenas x*].<sup>5</sup> Segundo Kiss, é desta forma que é interpretado o foco deslocado na periferia esquerda da sentença no húngaro e o foco das clivadas no inglês (e, para nós, das clivadas no português).

O que é apontado como diagnóstico desta interpretação é o teste de exaustividade, elaborado por Szabolcsi (1981), que consiste em verificar se vale como inferência de uma proposição em que o foco são dois constituintes coordenados uma outra proposição com apenas um dos dois constituintes, como podemos ver em (8):

- (8) a. O João comprou [<sub>F</sub>um carro e um avião].  
 b. Foi [<sub>F</sub>um carro e um avião] que o João comprou.  
 c. O João comprou um carro.

(8c) pode ser uma inferência de (8a), o que permite concluir que o foco *um carro e um avião* não é necessariamente do tipo exaustivo. Por outro lado, (8c) não

5 A definição pragmática para foco de identificação é que ele “representa um subconjunto do conjunto de elementos para os quais o predicado pode potencialmente se aplicar, dados contextual e situacionalmente; ele é identificado como o subconjunto exaustivo daquele conjunto para o qual o predicado realmente se aplica” (Kiss, 1998, p. 245). Um confronto entre as concepções de Kiss e Zubizarreta mostra uma assimetria interessante: enquanto para Kiss o foco é um constituinte sobre o qual se predica alguma coisa (portanto, um tipo especial de sujeito), para Zubizarreta o foco é o predicado de uma sentença equativa.

pode ser uma inferência de (8b), o que leva à conclusão de que o foco em questão tem que ser exaustivo. Aplicado a (8), o teste mostra que o foco *in situ* na posição de objeto pode ter interpretação diferente da daquele que aparece deslocado.

Observemos que (8b) (com ou sem um pico acentual muito alto sobre o foco) pode ser uma sentença pragmaticamente adequada para um contexto em que haja um contraste como [*e não um iate*], mas o contraste nem sempre é necessário. (8b) pode ser, por exemplo, uma resposta a uma pergunta clivada, como (9a), que Zanzfeliz (2002) presume solicitar informação exaustiva; mas um tanto inadequada para uma pergunta ordinária, como (9b), que se limita a solicitar uma informação:

- (9) a. O que foi que o João comprou?  
b. O que o João comprou?

Se concebemos que não há incompatibilidade entre Zubizarreta (1998) e Kiss (1998), podemos compor o quadro (9) tendo por base os dois traços, [contrastivo] e [exaustivo], tidos como pertinentes para definir os tipos de foco:

(9) Tipos de foco

a. [-contrastivo, -exaustivo]	informação (K), 1 não-contrastivo (Z)
b. [-contrastivo, +exaustivo]	de identificação (K)
c. [+contrastivo, -exaustivo]	*
d. [+contrastivo, +exaustivo]	contrastivo (Z) e (K)

6 Doravante usamos a designação de foco de informação ao invés de não-contrastivo, porque o acréscimo do foco de identificação aos tipos de foco reparte em dois o universo do foco não-contrastivo.

Há em comum na proposta das autoras a possibilidade (9a) e (9d) e a impossibilidade em (9c); o que distingue as duas propostas é o foco de identificação (9b), que não é considerado por Zubizarreta.

## A posição do constituinte focalizado nas sentenças

Admitindo que o quadro em (9) espelha as possibilidades interpretativas do foco, vamos averiguar em que medida elas estão refletidas na estrutura sintática. Isto é, vamos averiguar se existem tipos de sentença designados para veicular um ou outro tipo de foco. Para tanto, vamos considerar apenas as sentenças completas, deixando de lado aquelas que truncam a pressuposição ou parte dela.

Começemos por considerar que o constituinte focalizado pode se posicionar *in situ*, como em (10a), ou na periferia esquerda da sentença, como vemos em (10b) e (10c):

- (10) a. O João comprou [<sub>F</sub> aquele carro].
- b. [<sub>F</sub> Aquele carro] o João comprou.
- c. [<sub>F</sub> Aquele carro] que o João comprou.

Quando deslocado, o foco pode ser seguido do complementizador *que*. Das sentenças de (10), apenas (10a) pode ter a interpretação (9a), já que é a única sentença que responde apropriadamente a uma pergunta como (11) que, de acordo com Zubizarreta (1998), constitui o contexto para o foco de informação (não-contrastivo):

- (11) O que o João comprou?

Entretanto, se o contexto fornecido por (11) não se aplica, (10a) pode ter também as interpretações (9b) e (9d): o foco é de identificação se se aplica a definição de Kiss (1998), ou contrastivo com a continuação em (12):



- (12) ... e não aquele avião.

Assim, o foco *in situ* pode ser interpretado de acordo com as três possibilidades em (9).

O que realmente parece criar um contraste bastante nítido é que a interpretação (9a), de mero foco de informação, não está disponível para (10b) e (10c). Ou seja, ao foco deslocado na periferia esquerda da sentença está associado pelo menos um valor positivo dos traços [exaustivo] e [contrastivo]. Uma situação discursiva para que *aquele carro* em (10b) ou (10c) seja foco de identificação é a seguinte: suponha que duas pessoas que estiveram falando sobre o fato de o João ter comprado um carro deparam com o carro comprado por João e uma delas o aponta e diz (10b) ou (10c). Nesta situação, não havendo espaço para contraste, o foco é interpretado como de identificação. Para a interpretação de (10b) e (10c) como foco contrastivo, basta apor às sentenças a continuação (12).

Consideremos agora (13), que contém sentenças pseudoclivadas:

- (13) a. O que o João comprou foi [<sub>F</sub> aquele carro].  
 b. Foi [<sub>F</sub> aquele carro] o que o João comprou.  
 c. [<sub>F</sub> Aquele carro] foi o que o João comprou.

(13a) é uma pseudoclivada ordinária, o que permite supor que o constituinte focalizado se encontra *in situ*. A predição é, então, que *aquele carro* pode ser interpretado como foco de informação e ela está de acordo com Krug de Assis (2001), que afirma que uma pseudoclivada pode responder naturalmente (até onde é natural a pressuposição fazer parte de uma resposta) a uma pergunta ordinária como (11).<sup>7</sup> (13b) tem em comum com (13a) o fato de o foco estar depois da cópula. Podemos afirmar, então, que o foco está *in situ* e a predição é que

7 Curiosamente, uma pseudoclivada como (13a) reproduz com bastante fidelidade uma asserção do tipo A<sub>2</sub> da estrutura de asserção AS, montada por Zubizarreta (1998) para mostrar como é interpretado o foco de informação.

*aquele carro* pode ser foco de informação: (13b) é pragmaticamente adequado para responder (11). Entretanto, as interpretações (9b) e (9d) também podem ser atribuídas a (13a) e (13b), de modo paralelo ao que acontece com (10a). Generalizando, o foco *in situ* é ambíguo e a ele podem ser aplicadas todas as três interpretações possíveis de (9).

Por sua vez, a pseudoclivada invertida em (13c) apresenta *aquele carro* antes da cópula, posição que não é natural para foco de informação (ver nota 3). Uma sentença pseudoclivada é uma equativa cujo predicado é o foco e, do fato de se apresentar antes da cópula, deduzimos que *aquele carro* está deslocado. O esperado, então, é que a interpretação (9a) não se aplique a (13c), de modo que não é uma resposta pragmaticamente adequada para (11). De fato, (13c) parece conter mais informação do que a pergunta (11) solicita: esta sentença tem que ter a interpretação (9b) ou (9d). Generalizando, o foco deslocado (na periferia esquerda da sentença) não pode ser mero foco de informação.

Por fim, consideremos as sentenças clivadas de (15):

- (15) a. Foi [<sub>F</sub> *aquele carro*] que o João comprou.
- b. [<sub>F</sub> *Aquele carro*] foi que o João comprou.

Como já foi afirmado na seção anterior, o foco das sentenças clivadas tem que ser interpretado como (9b) ou (9d), não sendo as sentenças de (15) respostas pragmaticamente adequadas para (11). Segundo a descrição que estamos realizando, não deve ser o caso que em alguma das sentenças de (15) o foco esteja *in situ*. Assim, apesar de se encontrar após a cópula, *aquele carro* em (15a) deve ocupar uma posição estruturalmente diferente da que ocupa em (13a) e (13b). Em (15a) supomos que está deslocado na periferia da sentença encaixada; em (15b), na periferia esquerda da sentença matriz. Vamos desenvolver esta idéia na quinta seção com base na observação de que clivadas e pseudoclivadas são estruturalmente diferentes. O ponto principal da diferença é que as pseudoclivadas se constroem com uma expressão Wh, enquanto as clivadas se constroem com um complementizador. A presença da expressão Wh descarta, em princípio, que o foco possa ser derivado por extração: o objeto vazio retoma a expressão Wh relativa, mas não o foco. Em contrapartida, o complementizador não impede, em princípio, que o foco possa ser extraído da posição de objeto do verbo *comprar*.

Em resumo, o foco *in situ* pode receber todas as interpretações do quadro em (9). Por sua vez, o foco deslocado recebe as interpretações (9b) e (9d) sem se adequar à interpretação (9a).

## Foco *versus* tópico

Podemos dizer, de acordo com uma vertente gerativista de longa tradição,<sup>8</sup> que uma sentença se caracteriza por apresentar duas áreas. Uma é a área nuclear das posições A(rgumentais), chamada de IP, onde os constituintes XPs têm definidas todas suas funções gramaticais, em especial sua interpretação temática. A outra, que fica à esquerda,<sup>9</sup> é a área “periférica” das posições não-A, chamada de CP. Se nenhuma função gramatical deriva do fato de um XP se posicionar na periferia esquerda da sentença, então a ele resta o papel de ser o tópico ou o foco da sentença. No primeiro caso, uma sentença matriz se conecta ao discurso através de uma informação dada; no segundo, o sistema CP é ativado para abrigar uma informação nova.

Zubizarreta (1998) afirma que tópico e foco não se confundem porque as propriedades da relação tópico/comentário são diferentes das da relação foco/pressuposição. A primeira se traduz numa relação de predicação em que o tópico é o sujeito e o comentário o predicado. Ao foco da sentença só resta a alternativa de fazer parte do predicado, não se confundindo de maneira nenhuma com o tópico da sentença. A segunda se traduz numa relação de quantificação onde o foco é o valor atribuído à variável.

Uma AS no estilo de (5') é construída para o tópico, como vemos em (14):

- (14) a. O João, ele comprou [<sub>F</sub> um carro].  
       b. E quanto ao João, o que ele comprou?
- (14') A<sub>1</sub>: o João<sub>y</sub> \ existe um x, tal que y comprou x.  
       A<sub>2</sub>: o João<sub>y</sub> \ o x tal que y comprou x é *um carro*.

8 A outra vertente não mantém os domínios IP ou CP puros. Para esta, por exemplo, o Spec de IP ou de CP pode funcionar como posição A ou não-A.

9 Na verdade, deveríamos falar de duas áreas periféricas, uma à esquerda outra à direita. Não abordamos, neste trabalho, a periferia direita da sentença.

(14a) é a sentença com o tópico na periferia esquerda; (14b), que fornece o contexto pragmático para (14a), já contém o DP *o João* que vai ser o tópico. (14') é a AS da sentença (14a), onde o tópico é o sujeito e o restante é uma reprodução da AS (5'), contendo a pressuposição e o foco.

Além de a interpretação do foco e do tópico não coincidir, também não coincide a sintaxe das construções que apresentam estes constituintes na periferia esquerda. Para mostrar isso, Rizzi (1997) reelabora as distinções apontadas por Cinque (1990) centralizando-as num ponto básico: o foco, mas não o tópico, é de natureza quantificacional. Que o foco é de natureza quantificacional é comprovado pelo fato de ele, mas não o tópico, não poder vincular *t* por cima do pronome *dele*, reagindo assim aos efeitos do cruzamento fraco (WCO) (15), poder ser um quantificador nu (16) e não poder ser retomado por um pronome interno ao IP (17) (usamos a vírgula para marcar a pausa entre o tópico e o comentário):

- (15) a. ?(?)<sub>F</sub> [O João<sub>i</sub>] que a mãe dele<sub>i</sub> ama t<sub>i</sub>, não a Maria.  
b. O João<sub>i</sub>, a mãe dele<sub>i</sub> ama ele<sub>i</sub>.
- (16) a. [<sub>F</sub> Para ninguém] ele vai mandar cartão de Natal este ano.  
b. \*Para ninguém, ele vai mandar cartão de Natal este ano.
- (17) a. \*Foi [<sub>F</sub> aquele carro] que a Maria comprou ele domingo.  
b. Aquele carro, a Maria comprou ele domingo.

O comportamento do foco verificado a partir de (15), (16) e (17) reproduzem as condições em que uma expressão *Wh* interrogativa, que é considerada um operador, ocorre. Isto permite afirmar que o foco é compatível com uma configuração que o relacione diretamente com uma posição *A* vazia contendo uma variável.

Por outro lado, se o tópico não é de natureza quantificacional, a relação que ele mantém com a posição *A* não deve ser de quantificador-variável. Que ele possa ser retomado por um pronome ou por um clítico, como em (18), descarta, em princípio, que haja uma variável.

- (18) a. O João, eu acabei de encontrar ele no cinema.  
b. O João, eu acabei de encontrá-lo no cinema.

Quando é uma categoria vazia que o retoma, é preciso mostrar que a estruturação da sentença não é compatível com uma que considere o tópico um elemento quantificacional e a categoria vazia uma variável.

Para tanto, Rizzi (1997) recorre ao contraste entre sentenças Wh interrogativas e relativas apositivas do inglês, como as que temos em (19):

- (19) a. ?\*Who<sub>i</sub> does his<sub>i</sub> mother really like t<sub>i</sub> (=vbl)?  
 b. John<sub>i</sub>, who<sub>i</sub> his<sub>i</sub> mother really likes t<sub>i</sub> (=nc)...

Em (19a), se verificam os efeitos do WCO e, então, *t* é uma variável e *who* é de fato um operador genuíno. Por sua vez, (19b) é gramatical, o que leva à conclusão de que *who* não é um operador genuíno, nem *t* uma variável. Rizzi chama *t* de constante nula (nc). Observe-se adicionalmente que *who*, em (19b) mas não em (19a), é um elemento anafórico cuja interpretação é determinada pelo antecedente *John*. Uma variável, de acordo com Chomsky (1986), deve ser fortemente vinculada por um antecedente capaz de lhe atribuir um valor, e quem faz isso em (19b) não é propriamente *who*, mas *John*.

No português, uma relativa apositiva não é encabeçada por uma expressão Wh, mas pelo complementizador *que*, como vemos em (20a):

- (20) a. O João, que eu acabei de encontrar, ...  
 b. O João<sub>i</sub>, [Op<sub>i</sub> que eu acabei de encontrar t<sub>i</sub> ], ...

A análise que é atribuída a (20a) é (20b) e é semelhante à que é atribuída a (19b), à diferença de um operador nulo em lugar da expressão Wh. O operador nulo, que tem sua interpretação determinada pelo antecedente *o João*, vincula *t*, que

é uma *nc*.<sup>10</sup> A estrutura de uma sentença como (21a), que tem um tópico na periferia esquerda da sentença, é (21b), semelhante a (20b) nos aspectos relevantes:

- (21) a. O João, eu encontrei na cinema ontem.  
b. O João<sub>i</sub>, Op<sub>i</sub> eu encontrei t<sub>i</sub> no cinema ontem.

A categoria vazia vinculada pelo tópico (via Op) é uma *nc*. Assim, Rizzi distingue o tópico do foco mostrando que a relação entre o tópico e a categoria vazia é mediada por um operador nulo. Este, que é anafórico do tópico, desempenha a função que o clítico ou o pronome desempenham nas construções em que o tópico não é retomado visivelmente por um vazio.

## Sintaxe do foco

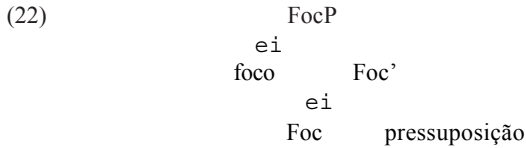
Vimos que Zubizarreta (1998) assume que a interpretação semântica/pragmática do foco é representada por ASs que se constróem depois da LF. No que diz respeito à fonologia, sabemos que o acento mais proeminente da sentença recai sobre o constituinte focalizado e que, quando o foco é contrastivo, este acento é vigorosamente marcado. A questão desta seção é elaborar como o foco se manifesta na sintaxe do PB.

Rizzi (1997) postula que existe uma categoria FocP na periferia esquerda da sentença, cujo núcleo articula o foco com a pressuposição: o especificador da categoria é o lugar do constituinte focalizado e o complemento o da pressuposição, como ilustramos em (22):

<sup>10</sup> Rizzi recorre também a outras construções que são analisadas como contendo operador nulo, como as sentenças *easy to please* do inglês:

(i) John<sub>i</sub> is easy [Op<sub>i</sub> to please t<sub>i</sub>].

Nestas construções, o operador nulo é postulado porque não existe outra forma de licenciar a categoria vazia na posição de objeto no inglês, tido como uma língua que não tolera objeto nulo.



A interpretação de um constituinte como foco emerge do fato de ele estar em configuração Spec/núcleo com Foc.<sup>11</sup>

Observando que um constituinte pode ser focalizado *in situ*, o que mostra que o foco não está na periferia esquerda da sentença, Belletti (2001) postula uma categoria FocP interna a IP. Esta categoria domina vP e, como a da periferia esquerda da sentença, tem o especificador destinado ao foco. Assim, cada fase (Chomsky, 2001) da sentença, o CP e o vP, teria uma área onde se constrói a focalização.

Que existe um processo de focalização no domínio CP pode ser comprovado pelo foco deslocado, como em (23a):

- (23) a. [<sub>F</sub>O João] a Maria disse que encontrou no cinema.  
 b. [<sub>F</sub>O João] que a Maria disse que encontrou no cinema.

11 Em Rizzi (1996; 1997) esta relação se estabelece nos domínios A' e é tida como resultado do Critério Wh, que pode ser formulado como (i):

(i) Critério Foc:

(a) um constituinte interpretado como foco deve estar em configuração Spec/núcleo com um núcleo [+foc]; e

(b) um núcleo [+foc] deve estar em configuração Spec/núcleo com um constituinte focalizado.

O sistema de critérios é uma versão de sistemas que valorizam a relação Spec/núcleo como expressão da compatibilidade de traços e, tal como formulado, o Critério Foc obriga o movimento do constituinte que é interpretado como foco para o Spec de FocP (ver Miotto, 2001, para o PB). Ele pode ser convertido no sistema de checagem de traços lançado explicitamente em Chomsky (1995) e ajustado em trabalhos posteriores, como o de Chomsky (2001): existe um ou mais traços H ( $\phi$ , EPP) não-interpretáveis em C (=Foc) que são apagados pelo movimento de um constituinte para Spec de CP.

Que este processo resulta da relação Spec/núcleo, e não de uma simples adjunção, como muitas vezes é assumido, é comprovado no PB por (23b): o *que* é um complementizador, preenchedor natural do núcleo de CP, e está diretamente envolvido com o deslocamento do objeto de *encontrar* para a periferia esquerda da sentença matriz<sup>12</sup> (ver Miotto; Figueiredo Silva, 1995; Miotto, 2001, para discussão desta construção). Se o foco *o João* permanece *in situ* e o *que* preenche o núcleo de CP (=FocP), o que temos é a sentença agramatical (24):

- (24) \*Que a Maria disse que encontrou [<sub>F</sub> o João] no cinema.

Se aplicamos (22) generalizadamente ao processo de focalização, então concebemos que também o foco *in situ* ocupa a posição Spec/FocP, mesmo sem podermos contar, como acontece com o foco na periferia esquerda da sentença, com a evidência de um núcleo adjacente ao foco. Assumindo que esta categoria domina vP, Belletti (2001) argumenta que o Spec deste FocP é a posição do constituinte focalizado *in situ*. O *que*, em especial, serve de apoio para postular esta categoria é a ocorrência do sujeito nas construções de inversão livre (*free inversion* – FI) de línguas românicas,<sup>13</sup> tal como a de *o João* em (25):

- (25) – Quem chegou ontem?  
– Ontem chegou o João.

12 Em outras línguas, como no húngaro, a comprovação é fornecida pelo movimento do verbo finito (I) para C, como vemos pelos exemplos de Puskas (1997):

(i) Amarcordot látta János tegnap este.  
Amarcordot viu János ontem noite.  
'János viu Amarcordot ontem à noite.

13 O sujeito das construções conhecidas como inversão estilística (*stylistic inversion*), que têm um desencadeador como o *quand* (*quando*) em (i), não ocupa esta mesma posição e não tem a interpretação de foco:

(i) Quand partirá Jean?  
Quando partirá Jean?



A categoria FocP interna a IP ganha em plausibilidade quando se põe a necessidade de explicar por que o sujeito focalizado é pós-verbal.

Em suma, a discussão tentou tornar plausível o postulado de que existem duas áreas onde a categoria FocP é projetada: uma na periferia esquerda da sentença, outra na periferia esquerda do VP. O argumento em favor da focalização na relação Spec/núcleo e, portanto, em FocP, contra a focalização em adjunção, foi a interdependência verificada entre um foco e o complementizador. Em favor da existência de duas áreas onde a categoria FocP é projetada foi observado que o foco pode ocorrer *in situ* ou deslocado.

Ainda em favor das duas áreas para projeção da categoria FocP, podem ser alegadas razões de cunho semântico. Como apontamos na segunda seção, o constituinte focalizado pode ser interpretado como mero foco de informação [-contrastivo, -exaustivo], como foco de identificação [-contrastivo, +exaustivo] ou como foco contrastivo [+contrastivo, +exaustivo]. Na terceira seção, vimos que um constituinte deslocado na periferia esquerda da sentença não pode ser interpretado como mero foco de informação, isto é, que o deslocamento visível na sintaxe implica uma interpretação de foco com pelo menos um valor positivo dos traços exaustividade e contraste.

Por isso, se admitimos que a interpretação de um constituinte como foco é construída em FocP, somos forçados a admitir que a categoria FocP é projetada em duas posições. A primeira é interna ao IP, onde é garantida a interpretação de foco de informação. Desta forma, (26b) tem a derivação (26b') e a pseudoclivada (26c) a derivação (26c') quando respondem a pergunta (26a):

- (26) a. O que o João comprou?  
 b. O João comprou um carro.  
 b'. [<sub>IP</sub> O João comprou [<sub>FocP</sub> um carro [<sub>VP</sub> ... ]]].  
 c. O que o João comprou foi um carro.  
 c'. [<sub>IP</sub> O que o João comprou foi [<sub>FocP</sub> um carro [<sub>VP</sub> ... ]]].

Em ambas as derivações, o sujeito (*o João* e *O que o João comprou*) e o verbo finito (*comprou* e *foi*) passam por cima de FocP para alcançar o Spec de IP e seu núcleo I, respectivamente.

A segunda posição se localiza na periferia esquerda da sentença, onde são garantidas as interpretações de foco contrastivo ou de identificação.<sup>14</sup> A derivação de uma sentença como (27a) seria (27b):

- (27) a. Um carro (que) o João comprou (e não um avião).  
b. [<sub>FocP</sub> Um carro<sub>i</sub> (que) [<sub>IP</sub> o João comprou t<sub>j</sub>]].

A derivação de uma pseudoclivada (invertida) como (28a) seria (28b):

- (28) a. Um carro (que) foi o que o João comprou.  
b. [<sub>FocP</sub> Um carro (que) [<sub>IP</sub> foi o que o João comprou]].

E a derivação de uma clivada como (29a) seria (29b):

- (29) a. Foi um carro que o João comprou.  
b. Foi [<sub>FocP</sub> um carro<sub>i</sub> que[<sub>IP</sub> o João comprou t<sub>j</sub>]].

Em todas as sentenças, o constituinte focalizado passou por cima do IP. Observe que uma sentença clivada como (29) não pode figurar numa derivação em que o constituinte focalizado esteja no Spec do FocP que domina vP. O constituinte focalizado se apresenta explicitamente deslocado para a periferia da sentença.

14 Se em algum momento se faz necessária a distinção entre posição A e A', a posição de Spec de FocP interna a IP deve ser contada como A: um constituinte não pode sair de uma posição A, passar por uma posição A' e estacionar em outra posição A. Veja que um constituinte ali localizado, que precisa verificar a função gramatical de caso, deve ter acesso a posições destinadas a isso, como é o caso da posição Spec de IP.

Entretanto, resta ainda a questão de mostrar o que acontece com o foco interpretado como contrastivo ou de identificação estando aparentemente *in situ*. Uma maneira de resolver esta questão seria dizer que o FocP interno ao IP é ambíguo e o da periferia esquerda não. Descartando a possibilidade de ambigüidade, outra maneira de resolver a questão seria dizer, que cada posição responde por uma interpretação. Neste caso, a derivação das sentenças deve contar (no mínimo) com o movimento do IP remanescente (*remnant movement*) (Kayne, 1994) para Spec de TopP, como ilustramos em (30):

- (30) a. O João comprou um carro (e não um avião).  
 b. [<sub>TopP</sub> [<sub>IP</sub> O João comprou t<sub>i</sub>]<sub>k</sub> [<sub>FocP</sub> um carro<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> t<sub>k</sub>]]].

Em (30) há primeiro o movimento do constituinte focalizado para o Spec de FocP, cuja posição de base é marcada pelo vestígio  $t_i$ , e depois o movimento do IP para Spec de TopP,  $t_k$  marcando a posição de base do IP.

## Conclusão

A interpretação de um constituinte como foco é construída dentro de uma categoria funcional, FocP, em relação Spec/núcleo. Da posição de Spec, o foco vincula uma categoria vazia. Em termos tradicionais, essa categoria vazia tem propriedades diferentes conforme seja vinculada pelo foco da periferia esquerda da sentença ou daquele interno a IP: no primeiro caso tem as propriedades de uma legítima variável, com todas as funções gramaticais conferidas; no segundo, de um vestígio resultante de movimento A, ou seja, a posição vazia não têm todas as propriedades gramaticais conferidas. Só no primeiro caso podemos falar de uma quantificação verdadeira.

Este modo de tratar o processo de focalização produz uma unificação que implica a inexistência de foco *in situ*: o constituinte focalizado é invariavelmente movido para o Spec de FocP. Ao mesmo tempo que evita o problema de considerar optativo o movimento do foco, este tratamento dá conta das interpretações associadas ao foco e do movimento para a periferia esquerda

da sentença: este último é necessário para forjar a interpretação que envolve contraste ou exaustividade.

## RESUMO

Este artigo analisa os vários tipos de foco, buscando saber quais deles são verdadeiramente quantificacionais. A conclusão é que somente os focos contrastivo ou exaustivo são quantificacionais. No português brasileiro, estes tipos de foco se movem para o Spec de FocP na periferia esquerda da sentença vinculando uma variável em posição A. O foco de informação não é verdadeiramente quantificacional e se move para o Spec de FocP na periferia esquerda do vP.

*Palavras-chave: foco, quantificação, movimento, FocP.*

## ABSTRACT

This paper analyses the various types of focus, wondering which of them are truly quantificational. The conclusion is that only the contrastive or identificational focuses are quantificational. In Brazilian Portuguese, this types of focus move to the Spec of FocP in the left periphery of clause while binding a variable in an A-position. The information focus are not truly quantificational and it moves to the Spec of FocP in the left periphery of vP.

*Key-words: focus, quantification, movement, FocP.*

## REFERÊNCIAS

- BELLETTI, A. *Aspects of low IP area*. Siena, 2001. Dissertação (Mestrado) - Università di Siena.
- CHIERCHIA, G.; S. McCONNELL-GINET, S. *Meaning and Grammar: an Introduction to Semantics*. Cambridge, MA: MIT Press, 1996.
- CINQUE, G. *Types of A' dependencies*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

CHOMSKY, N. *Knowledge of Language*. New York: Praeger, 1986.

\_\_\_\_\_. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

\_\_\_\_\_. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (Ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.

KAYNE, R. S. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press 1994.

KISS, K. Identificacional focus *versus* information focus. *Language*, v. 74, n. 2, p. 245-273, 1998.

KRUG DE ASSIS, C. A. *Sentenças clivadas e pseudo-clivadas no Português Brasileiro*. Florianópolis, 2001. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.

MIOTO, C. Sobre o sistema CP no português brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, p. 97-139, jul./dez. 2001.

\_\_\_\_\_; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Wh *que* = Wh *é que*? *Delta*, v. 2, n. 2, p. 301-311, 1995.

PUSKAS, G. Focus and the CP domain. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *The New Comparative Syntax*. Londres: Addison, Wesley et Longmans, 1997. (Longman Linguistic Library), p. 145-165.

RIZZI, L. Residual Verb Second and the Wh-Criterion. In: BELLETTI, A.; RIZZI, L. (Eds.). *Parameters and Functional Heads*. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 63-90.

\_\_\_\_\_. The fine structure of left periphery of the clause. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

SZABOLCSI, A. The semantics of topic-focus articulation. In: GROENENDIJK, J.; JANSEN, T.; STOKHOF, M. (Eds.). *Formal Methods in the Study of Language*. Amsterdam: Matematicsch Centrum, 1981. p. 513-541.

ZANFELIZ, A. *Sentenças Focalizadas no Português Brasileiro*. Florianópolis, 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.

ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, Focus and Word Order*. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.